

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-03-20

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Silva, T. M. da (2018). Valorização do património hoje: A experiência no ensino de arquitetura. In Graça Filipe, José Vale & Inês Castaño (Ed.), *Patrimonialização e sustentabilidade do património: Reflexão e prospectiva*. (pp. 183-195). Lisboa: Instituto de História Contemporânea da Universidade NOVA de Lisboa.

Further information on publisher's website:

<https://ihc.fcsh.unl.pt/patrimonializacao-sustentabilidade/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Silva, T. M. da (2018). Valorização do património hoje: A experiência no ensino de arquitetura. In Graça Filipe, José Vale & Inês Castaño (Ed.), *Patrimonialização e sustentabilidade do património: Reflexão e prospectiva*. (pp. 183-195). Lisboa: Instituto de História Contemporânea da Universidade NOVA de Lisboa.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

# Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospectiva



*Coordenação editorial*  
Graça Filipe, José Vale & Inês Castaño

IHC – NOVA FCSH

# Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospectiva

*Coordenação editorial*

Graça Filipe, José Vale & Inês Castaño

Financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/HIS/04209/2013.

PATRIMONIALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO PATRIMÓNIO.  
REFLEXÃO E PROSPECTIVA  
IHC—NOVA FCSH  
2018

ISBN: 978-989-98388-4-0

COORDENAÇÃO EDITORIAL DO E-BOOK

Graça Filipe  
José Vale  
Inês Castaño

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Raquel Pinto,  *direcção de arte*  
Beatriz Severes

Comissão científica do Encontro  *Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: reflexão e prospectiva* (Lisboa, FCSH-UNL, 27, 28 e 29 de Novembro de 2014)

Maria Fernanda Rollo, IHC-FCSH-UNL; Graça Filipe, IHC-FCSH-UNL; Paula Godinho, IHC-FCSH-UNL; Raquel Henriques da Silva, IHA-FCSH-UNL; Deolinda Folgado, IHC/IHA-FCSH-UNL; João Mascarenhas Mateus, CES — Universidade de Coimbra/IHC-FCSH-UNL; Elisa Calado Pinheiro, CEIS 20-Universidade de Coimbra e IHC-FCSH-UNL; Cyril Isnart, CIDEHUS, Universidade de Évora; Marta C. Lourenço, Museus da Universidade de Lisboa/UNIVERSEUM; Vitor Oliveira Jorge, Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da UP/investigador do CEAACP; José Picas do Vale, IHC-FCSH-UNL; João Leal, CRIA-UNL; Miguel Angel Alvarez Areces, Presidente de INCUNA e do TICCIH — Espanha; Jean-Yves Puyo, Laboratoire Société, Environnement, Territoire (UMR CNRS 5603), Université de Pau et des Pays de l'Adour-França; Heloisa Costa, Universidade Federal da Bahia (Brasil).

CAPA: a partir de Manifesto # 7 (Época de estranheza em frente ao mundo), 2012  
Água-forte s/papel © Susana Gaudêncio

# Índice

EDITORIAL

10

## PARTE 1

PATRIMONIALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO PATRIMÓNIO

12

À PROPOS DES RÉGIMES DE PATRIMONIALISATION: ENJEUX ET QUESTIONS

Jean Davallon

13

LA PATRIMONIALISATION DU POINT DE VUE DU VIVANT

Cécile Tardy

32

## PARTE 2

CONTEMPORANEIDADE E VALORES DO PATRIMÓNIO

42

RELEVÂNCIA, RESSONÂNCIA, ENGAJAMENTO — A MUSEOLOGIA E O PATRIMÔNIO EM AÇÃO

(Maria de Lourdes Parreiras Horta)

43

PATRIMONIALIZACIÓN DE ESPÁCIOS REPRESSIVOS: LA CÁRCEL DE CARABANCHEL Y LA MEMORIA COLECTIVA

Sergio Claudio González García

56

O PATRIMÓNIO AINDA SERÁ DE FERRO? UM OLHAR SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO NO ESTADO NOVO E NO GLOBALIZADO SÉCULO XXI

Cândida Cadavez

67

EXPOSIÇÕES COMO PATRIMÓNIO. PRESERVAR E DIVULGAR A MEMÓRIA EXPOSITIVA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Helena de Freitas; Leonor de Oliveira; Joana Baião; Lúcia Luz

79

A SEMIOSE DO ESPAÇO: SACRALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CONSTRUÇÃO DE PATRIMÓNIO INTANGÍVEL

Paulo Barroso

100

VALORES IMATERIAIS DO PATRIMÓNIO MUNDIAL: O CASO DO CRITÉRIO (VI)

Clara Bertrand Cabral

111

DE OBJETOS “EMPOEIRADOS” A PATRIMÓNIO CULTURAL: OS ARTEFACTOS, ESPÉCIMENS, ARQUIVOS E ESPAÇOS DE CIÊNCIA DOS ANTIGOS LICEUS PORTUGUESES

Inês Gomes; Marta Lourenço

127

PALÁCIO DE CRISTAL DO PORTO (1865) E A ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA (1906): VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL E PARADOXOS...

Sandra Abelha

138

DESPORTO, JOGOS OLÍMPICOS E VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL

Carlos Gomes

144

OS MOINHOS DITOS HOLANDESES NA ILHA DO FAIAL — RELAÇÕES ENTRE A MEMÓRIA E A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO

Ágata Biga)

152

OS VALORES DOS MONUMENTOS: A IMPORTÂNCIA DE RIEGL NO PASSADO E NO PRESENTE

Alice Nogueira Alves

161

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — ALTA E SOFIA PATRIMÓNIO MUNDIAL: DO DESÍGNIO À REALIDADE

Joana Capela; Vitor Murtinho

173

VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO HOJE — A EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARQUITETURA

Teresa Madeira da Silva

183

O DIREITO À MEMÓRIA: A POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO SOB A ÓTICA DOS DIREITOS CULTURAIS

NO BRASIL

José Ricardo Oriá Fernandes

196

AS COISAS DO PRETÉRITO E AS PESSOAS DO PRESENTE: OS JOANENSES E OS RESSIGNIFICADOS DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO — UM ESTUDO DE CASO NA ILHA DO MARAJÓ, AMAZÔNIA BRASILEIRA

Luzia Gomes

206

PARTE 3  
PATRIMONIALIZAÇÃO, CRIATIVIDADE E MUDANÇA SOCIAL  
217

SAÚDE CULTURAL: PATRIMÔNIOS QUE TORNAM CIDADES E CIDADÃOS MAIS SAUDÁVEIS  
Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa  
218

O CONCEITO DE INTERVENÇÃO MÍNIMA EM ESPAÇOS DEDICADOS À CRIAÇÃO  
CONTEMPORÂNEA  
Helena Barranha  
230

DA FAMILIARIDADE À SURPRESA. PATRIMONIALIZAÇÃO E CRIATIVIDADE  
Inês Ferreira  
243

OS ARQUIVOS DE DESENHO E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DAS CIDADES ATRAVÉS  
DO DIÁRIO GRÁFICO: O CASO DOS *URBAN SKETCHERS PORTUGAL*  
Shakil Yussuf Rahim, CIAUD/FAUL; Ana Leonor Madeira Rodrigues  
255

PENSAR O QUE NÃO SE PERDE —PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PATRIMONIALIZAÇÃO  
Inês Castaño; Luísa Seixas  
286

COMENTÁRIO  
Adelaide Duarte  
303

GESTIONAR Y SOCIALIZAR EL PATRIMONIO DIOCESANO DE FORMA COLABORATIVA EN  
MUSEOS Y ARCHIVOS. UNA PROPUESTA DESDE LA DIÓCESIS DE BILBAO  
Anabella Barroso Arahuetes  
305

VIAJAR COM BRANQUINHO DA FONSECA: A OBRA LITERÁRIA E FOTOGRÁFICA COMO  
RECURSO PATRIMONIAL PARA A VALORIZAÇÃO DE UM LOCAL  
Maria Mota Almeida  
316

COMO A PESQUISA ACADÊMICA PODE CONTRIBUIR PARA A QUALIDADE DE VIDA NAS  
CIDADES PATRIMÔNIO  
Chiara Bianchi Ruks; Edmara Mattos Mauricio; Isabela S. de Jesus; Maria Estela Lage Santos; Lucas F.  
Baisch; Luis Gustavo R. Carvalho; Rita Chaves Fonseca; Sandra M. Galeffi  
345

MAPAS INDIVIDUAIS E COLETIVOS DE MEMÓRIAS E IDENTIDADES  
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Joseania Miranda Freitas  
354

DO TÊXTIL À MODA E DA INDÚSTRIA DO FERRO À INDÚSTRIA DA CRIATIVIDADE: FÁBRICAS CRIATIVAS E NOVOS USOS DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

Mariana Rei; Mariana Silva

361

CIRCUITOS PELA TARDIA INDUSTRIALIZAÇÃO PORTUGUESA: LISBOA ENTRE DOIS MUNDOS

Susana Domingues; Sandra Marques

371

PARTE 4  
MUSEUS, TERRITÓRIOS E COMUNIDADES DE PERTENÇA  
385

PATRIMOINE, PARTICIPATION CITOYENNE ET CONTRIBUTION UNIVERSITAIRE: LE CAS DE L'ÉCOMUSÉE DU FIER MONDE

René Binette

386

O TOQUE DOS SINOS EM MINAS GERAIS: MATERIALIDADE E IMATERIALIDADE DO PATRIMÓNIO CULTURAL NO BRASIL

Ana Lúcia Abreu Gomes

397

EDUCAR EN PATRIMONIO. UNA PROPUESTA DE ENSEÑANZA — APRENDIZAJE DEL ARTE Y CULTURA ANDALUZ

Guadalupe Romero Sánchez; María de la Encarnación Cambil Hernández; Antonia García Luque

406

PATRIMÓNIO (I)MATERIAL: UMA HERANÇA (DES)VALORIZADA?

Judite Lourenço Reis

416

MUSEOLOGIA E INOVAÇÃO SOCIAL

Pedro Pereira Leite

430

MUSEU DA CIDADE DE AVEIRO — UMA ABORDAGEM SOBRE O POSICIONAMENTO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Andreia Vale Lourenço

441

MOSTEIRO/MUSEU: OLHAR COM A COMUNIDADE

Maria Teresa Amado

451



OS MOSAICOS ROMANOS DESCONTEXTUALIZADOS. ALGUNS EXEMPLOS EM COLEÇÕES DE MUSEUS ARQUEOLÓGICOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Maria de Fátima Abraços

458

COMBOIOS EM FUNCIONAMENTO. BASES PARA A SUA PATRIMONIALIZAÇÃO, CRIATIVIDADE E MUDANÇA SOCIAL

António Pinto Pires

477

MUSEUS, TERRITÓRIOS E COMUNIDADES. O MUSEU NACIONAL FERROVIÁRIO NO ENTRONCAMENTO

Luís Filipe Gomes Lopes

494

O FORTE DE SÃO MIGUEL ARCANJO — NAZARÉ

Rogério Meca,

504

## PARTE 5

PATRIMÓNIO, PLANEAMENTO MULTIESCALAR E POLÍTICAS PÚBLICAS

508

A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO NOS PLANOS MUNICIPAIS DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO: O EXEMPLO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL

Gertrudes Zambujo; Maria José Sequeira; Sandra Lourenço

509

QUE FUTURO PARA AS LINHAS DE TORRES? INTERROGAÇÕES SOBRE UMA ROTA HISTÓRICA

Florbela Estêvão)

531

ROTAS DO GHARB AL-ANDALUS — UM PROJECTO EM DESENVOLVIMENTO

Natália Maria Lopes Nunes

550

A CASA DA PESCA E O ESTADO ACTUAL DAS POLÍTICAS PATRIMONIAIS

Ana Celeste Glória, Bolseira de Doutoramento da FCT (SFRH/BD/86280/2012) no IHA, FCSH-UNL (Portugal)

558

DA REVITALIZAÇÃO À RUÍNA — O CASO PARADIGMÁTICO DA QUINTA GRANDE

Ana Celeste Glória; Catarina Diz de Almeida; Daniela V. de Freitas Simões

578

AS CASAS DA CÂMARA DOS VELHOS CONCELHOS PORTUGUESES E A SUA  
PATRIMONIALIZAÇÃO — DE CENÁRIO HISTÓRICO DO PODER LOCAL DO ANTIGO REGIME A  
COMPONENTE ESSENCIAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL PORTUGUÊS

Carlos Manuel Ferreira Caetano, IHA e CHAM-FCSH-UNL

594

PATRIMONIALISER LA BIODIVERSITÉ: L'EXEMPLE DES SUBERAIES D'AQUITAINE

Jean-Yves Puyo

607

PATRIMÓNIO INSÓLITO E PATRIMÓNIO SEM REPRESENTAÇÃO

Pedro Manuel Pedroso

620

TRANSACCIONES SOCIALES Y REGULACIONES CONJUNTAS:  
DOS PARADIGMAS METODOLÓGICOS PARA EL ANÁLISIS DE CONFLICTOS PATRIMONIALES  
EN LOS MERCADOS DE  
IQUIQUE Y VALPARAÍSO (CHILE)

Maximiliano Soto

627

NOME DOS AUTORES POR ORDEM ALFABÉTICA

643

PATRIMONIALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO PATRIMÓNIO: REFLEXÃO E PROSPECTIVA

647

# Valorização do Património Hoje — A Experiência no Ensino de Arquitetura

TERESA MADEIRA DA SILVA, DINAMIA'CET-IUL/ISCTE-IUL (Portugal)

## RESUMO

Esta comunicação procura dar a conhecer uma experiência de ensino de projeto de Arquitetura desenvolvida Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL — Instituto Universitário de Lisboa, a partir de uma experiência singular no contexto académico (*Summer School* internacional associado a uma UC de prática de projeto). A metodologia cruza, na elaboração dos projetos de arquitetura, as ideias centrais expressas nas cartas e convenções nacionais e internacionais relativas às questões do património, com o conceito de consciência histórica proveniente da filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), tendo como pano de fundo as novas práticas da arquitetura e o novo perfil dos arquitetos. Pretende-se fazer ressaltar um conceito de património amplo, onde a ideia da sua valorização possibilita uma leitura que inclui a paisagem como um todo e onde o património é visto a partir do presente. Os resultados obtidos mostram-nos que os estudantes atuam, por um lado, projetando com o construído — as propostas não se pretendem aut centradas, mas dialogando com as circunstâncias físicas, geográficas (territoriais) e sociais, e por outro, de acordo com o momento histórico em que nos encontramos — o presente, tendo em conta a cultura e as pessoas que neles habitam.

**PALAVRAS-CHAVE:** património, ensino de arquitetura, ensino de projeto, paisagem, novas práticas em arquitetura.

## VALORIZATION OF THE PATRIMONY NOW — EXPERIENCE IN TEACHING ARCHITECTURAL DESIGN

### ABSTRACT

This paper seeks to share a teaching experience of architectural design developed under the Department of Architecture and **Urbanism** at ISCTE-IUL, University Institute of Lisbon, from a singular experience in an academic context (an International Summer School associated with a practice design course unit). In the preparation of architectural designs, the methodology intersects, the main ideas expressed in the letters and national and international conventions concerning the matters of heritage with the concept of historical conscience from the hermeneutic philosophy of Hans-Georg Gadamer (1900-2002), with a background of new practices of architecture and the new profile of architects. It is our intention to highlight a broad concept of heritage, where the idea of its valuation provides a reading that includes the landscape as a whole and where heritage is seen from the present. On the one hand, results show us that students act by designing with the built heritage — the proposals are not intended to be self-centered, but rather in dialogue with the physical circumstances, both geographical (territorial) and social, and on the

other hand, according to the current moment in history — the present, taking into account the culture and the people who inhabit it.

KEYWORDS: heritage, architectural education, design education, landscape, new practices in architecture.

## 1. INTRODUÇÃO

No momento em que as circunstâncias em que se desenvolve a prática profissional em arquitetura, (afastando-se cada vez mais do ciclo tradicional desenvolvido em atelier — da encomenda do projecto à construção do edifício), discute-se neste artigo a possibilidade de desenvolver experiências na Academia de modo a adequar os procedimentos pedagógicos a estas novas circunstâncias tendo em vista a existência de património arquitectónico construído e a sua valorização. Dada a conjuntura de crise económica que afetou sobretudo os países do Sul da Europa e em particular Portugal, a prática da arquitetura já não tem a oferta das décadas passadas (80 e 90 do século XX), que se traduzia em grande quantidade de encomenda pública, concursos públicos e encomenda privada com alguma dimensão. Assim, decorrente da constatação desta situação procurámos a partir de uma experiência pouco habitual no ensino de arquitetura adequar o ensino a esta nova realidade.

Envolvendo alunos, professores e investigadores do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL, da Faculty of Design and Technology Technische Universität Darmstadt, do DINAMIA'CET-IUL, da Câmara Municipal de Lisboa, do FAS (Fundo de Arquitectura Social) e da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, esta experiência de ensino teve início num *Summer School* realizado em Setembro de 2014 onde, de uma forma adensada, se problematizaram vários tópicos associados aos núcleos antigos das cidades e realizaram propostas de intervenção para o bairro do Castelo em Lisboa.

É aceite que a prática do ensino tradicional de projeto de Arquitectura, nos cursos de arquitetura portugueses, nomeadamente, nas Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto, teve dois processos de desenvolvimento, já identificados por outros autores, desde a sua formação até meados do século XX. Gonçalo do Canto Moniz identifica um primeiro momento, onde o ensino foi dominado essencialmente pela tradição da pedagogia do curriculum *Beaux-Arts*, fixado pela Reforma de 1931 e regulamentado em 1932 (Reforma de 1931-32), e um segundo momento, (decorrente da crítica ao anterior sistema de ensino), pela aproximação ao Ensino Moderno da Arquitectura<sup>1</sup>, pela via de Walter Gropius, aclarado com a Reforma de 1950 e regulamentado em 1957 (reforma de 57). (Moniz, 2011, p.20). Apesar das diferenças (Lisboa e Porto), as duas escolas aproximaram-se nalguns tópicos decorrentes precisamente da herança da escola alemã — a Bauhaus, trazida por Walter Gropius, cujo modelo de ensino influenciou o ensino da arquitetura, na maioria das escolas de tradição ocidental. De forma abreviada enumeramos três tópicos que (decorrentes desta herança), persistiram até praticamente aos nossos dias no ensino do projeto de arquitetura em Portugal e que nos interessam questionar pelo modo como

1 Segundo Moniz, o “conceito, ensino moderno, é, (...), pouco utilizado no campo disciplinar da Arquitectura, mas no campo da pedagogia está perfeitamente definido e caracterizado, através das ideias do pedagogo americano John Dewey (1859-1952). A sua pedagogia democrática baseia-se na relação entre Educação e Experiência, sintetizada na expressão “aprender fazendo”, que cedo se popularizou nas escolas de Arquitectura, porque conceptualizava um método antigo e intemporal de aprender Arquitectura”.

tem sido apropriado em termos metodológicos no ensino do projeto. O primeiro tópico corresponde à ideia de que o projecto constitui uma unidade. É certo que, na solução arquitetónica cada parte do projeto contribui para um todo que o torna coerente, ou seja, para a síntese e que a síntese é o culminar de uma ideia de arquitetura. O segundo tópico, que decorre do primeiro, alude ao facto de que, se o projeto arquitetónico é síntese, cabe ao arquiteto o papel de coordenar as partes constituintes do projeto, pertencendo-lhe a tarefa de garantir que as partes se articulam como um todo. O terceiro tópico, refere o facto de que é na aula de projeto o lugar onde se dá “a síntese”. Do nosso ponto de vista, é certo que estes tópicos, como pontos de partida estão, corretos, no entanto, as circunstâncias que daí advieram resultaram numa prática e num ensino de projecto voltado para si próprio onde professores e estudante, refletem os aspetos intrínsecos à arquitetura, onde os aspetos simbólicos e estéticos ganham protagonismo no projeto e todos os outros, associados aos modos de vida, deixam de ter importância. Se é certo que, os primeiros, são aspetos relevantes nas obras de arquitetura dando-lhe a coerência necessária para serem apreciadas de forma particular, são, no entanto, muitas vezes mal compreendidas pelos seus usufruidores e pela sociedade em geral porque estão totalmente desligados da realidade. Aravena a este propósito refere que, “a arquitetura só se ocupa de problemas que interessam a outros arquitetos, que é o uso estratégico da forma. [Tratando de] um conhecimento específico para problemas específicos.” (Aravena, 2010). Apesar disso, como contraponto a esta tendência podemos apontar alguns processos participativos (*bottom-up* e *top-down*) realizados em Portugal sendo o mais expressiva conhecida por *Operações SAAL* (Serviço de Apoio Ambulatório Local) cujo processo decorreu poucos meses depois do 25 de Abril de 1974. Neste caso, sendo um projecto pioneiro na Europa, o processo incluiu a realização de um grande número de projectos, em conjunto com a população e atendendo às suas necessidades.<sup>2</sup> Confrontados com a situação actual da profissão do arquiteto e atendendo às alterações que decorrem do novo sistema de ensino<sup>3</sup>, tentámos, no *Summer School*, aproximar-nos das novas práticas da arquitetura<sup>4</sup>. Assim procurámos ir ao encontro do modo como se configura e sensibiliza a valorização do património arquitectónico de forma ampla onde a participação de diferentes agentes (fora do espaço da aula), contribui para a construção do projecto a partir de uma experiência de ensino invulgar.

Dividimos este artigo em três partes para além da Introdução e da Conclusão. A primeira parte — “Enquadramento Conceptual e Teórico”, perspectiva a forma como evolui o olhar acerca do património através das ideias centrais expressas nas Cartas e Convenções Nacionais e Internacionais relativas às questões do património e expõe o conceito de “consciência histórica”<sup>5</sup> proveniente da filosofia hermenêutica de Hans-George Gadamer (1900-2002). A segunda parte — “Metodologia” expõe o modo como, a partir do quadro teórico apresentado, se obtiveram novos resultados em relação às abordagens tradicionais. A terceira parte — “Resultados”, para além de discutir e defender as hipóteses colocadas no início, sintetiza os principais resultados a partir dos projetos desenvolvidos pelos estudantes no *Summer School*.

2 “Em 1974-76, o SAAL surgiu como um serviço descentralizado e desburocratizado, inserindo-se nos processos complexos da relação tripartida entre o Estado, os moradores pobres e os arquitetos.” (AAVV, 2014).

3 — Referimo-nos a duas alterações que consideramos como sendo as mais significativas e que alteraram o paradigma do ensino da arquitetura: por um lado a reforma de Bolonha e, por outro, a passagem do ensino universitário de um ensino de elites para um ensino de massas.

4 — A propósito deste conceito podemos apreciar o texto referente à exposição de experiências realizadas na Austrália e apresentadas na Bienal de Veneza de 2012 — cujo tema versa as novas práticas na arquitetura. Refere o seguinte. “o fascínio atual com a “reconstrução” do arquiteto surge como uma resposta direta às forças turbulentas, remodelando a cultura contemporânea mundial. Esta inquietação da estabilidade profissional da arquitetura durante grande parte do século passado tem forçado muitos arquitetos a questionar as motivações e os pressupostos sobre os quais, a profissão e sua prática foram construídos. (...) O trabalho apresentado nesta exposição examina seis práticas únicas atualmente baseadas na Austrália que desafiam os limites da arquitetura e da prática como é geralmente entendida. (...) apresenta seis grupos arquitetonicamente inovadores, que estão explorando novos domínios de trabalho, tão diversos como a robótica, causas humanitárias, tecnologia especializada e redes de educação e mídia. (...) (Bienal de Veneza, 2012).

5 Consciência histórica — Segundo gadamer a consciência da historicidade implica a compreensão a partir da situação histórica em que se encontra o intérprete e inclui a distância entre a situação passada e a situação presente (Gadamer, 1998).

## 2. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E TEÓRICO

### **Evolução do património através das cartas e convenções nacionais e internacionais** <sup>6</sup>

Uma vez que, no local onde se desenvolve o exercício de projecto a colina do Castelo em Lisboa (Fig. 1), somos confrontados invariavelmente com existência de património construído, entendemos que se justifica, rever a forma como, tem evoluído o olhar sobre o património em Portugal, através das Cartas e das Convenções Internacionais. A noção de património, os conceitos e as missivas sobre património têm mudado ao longo da história e, será natural, que continuem a mudar. Nos últimos anos (segunda metade do século XX e início do XXI), temos assistido, através da leitura das cartas, convenções e recomendações oriundas de organismo nacionais e internacionais, a um crescente interesse pelas questões do património arquitetónico.



Fig. 1. Colina do Castelo de São Jorge, Lisboa, Portugal. (Fotografia aérea). <http://www.bing.com/maps/>, acesso 12-09-2014.

Esse interesse, centrado inicialmente na preservação dos monumentos de maior significado histórico (*Carta de Atenas*, 1931 e a *Carta de Veneza*, 1964), alargou-se aos centros históricos (*Recomendação para a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e a sua Função na Vida Contemporânea*, 1976 e a *Carta para a Salvaguarda das Cidades Históricas*, 1987). Posteriormente iniciou abordagens ambientalistas e ecologistas, numa visão globalizante dos problemas (*Carta do Património Vernáculo Construído* e *Carta Internacional sobre Turismo Cultural, Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial*, 1999), e mais recentemente, considerando a preservação do património um processo dinâmico, teve em linha de conta a pessoa e os valores humanos (*Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*,

6 — O texto apresentado neste ponto: foi redigido para futura publicação na revista *Arquiteturarevista* — Unisssinos (aguarda revisão).

2008 e a *Carta de Bruxelas sobre o Papel do Património Cultural na Economia e para a Criação de Rede Europeia de Reconhecimento e Difusão*, 2009).

A análise das principais cartas, convenções e recomendações produzidas nos últimos anos, mostram que a preservação do património tem vindo a evoluir no sentido do envolvimento das sociedades e dos habitantes nos processos de salvaguarda e preservação do património. O crescimento das cidades a um ritmo cada vez mais acelerado e as transformações urbanas que daí ocorrem, assim como a desertificação da paisagem rural, e o esvaziamento dos centros urbanos, sobretudo na Europa, levam a que se equacione o património de forma diferente ao longo do tempo. Já não está em causa somente o monumento — “as pedras”, mas o equilíbrio entre meio construído e natural, entre passado e presente proporcionando, deste modo, um alargamento da noção de património. Verifica-se, para além de ações concretas, um alargamento a um conjunto de preocupações humanista onde os atores são importantes. A sociedade global, a diversidade cultural conseguida através da identidade das diferentes comunidades e as suas relações com o território são a expressão da diversidade cultural do mundo. Assim, os habitantes como usufruidores de cada um dos sítios a preservar, ganham um papel relevante na atualidade, quando falamos de património.

### **Gadamer e o conceito de “consciência histórica”**

A importância do conceito de “consciência histórica” para a implementação do trabalho desenvolvido pelos estudantes no *Summer School*, deveu-se ao facto de considerarmos válida a leitura de Gadamer acerca da compreensão da história e das obras que nos chegam do passado. Na linha de Gadamer, quando pensamos em património como uma herança do passado que decorre da tradição teremos que ter presente que o nosso olhar implica sempre “uma précompreensão que é, por sua vez, préfigurada ou determinada pela tradição na qual vive o intérprete e que modela os seus preconceitos” (Gadamer, 2004: 13). Dito de outro modo, quando abordamos um lugar ou uma obra, “não saímos do tempo e da história, não nos separamos de nós mesmos...”,<sup>7</sup> (Palmer, 1999: 172) para, a partir daí, compreendermos esse lugar ou essa obra. Deste modo, podemos dizer que não há uma visão ou uma compreensão pura da história ou de uma obra do passado sem referência ao presente. Pelo contrário, a história é vista e compreendida apenas e sempre através de uma consciência que se situa no presente.

Ao explicitar, na compreensão, o modo de ser histórico dos intérpretes e a tradição, Gadamer introduz o conceito de consciência histórica ou sentido histórico, relevante para qualquer leitura que se faça de um lugar ou de uma obra arquitetónica. Assim, qualquer leitura atual que se possa fazer das leituras passadas acerca de qualquer obra, resultam da situação histórica em que nos encontramos. Como já referimos, não podemos ter “uma visão ou uma compreensão puras da história, sem referência ao presente” (Palmer, 1999: 180), porque as leituras passadas são vistas e compreendidas sempre através de uma consciência que se situa no presente, constituindo este facto um condicionalismo que teremos de ter em conta. Segundo Gadamer, a consciência histórica ou sentido histórico refere-se à tomada de “consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de todas as nossas opiniões”.<sup>8</sup> A partir daqui podemos refletir sobre

7 É neste termos que Gadamer se refere à experiência do encontro com uma obra de arte (Palmer, 1999: 172).

8 “... a aparição de uma tomada de consciência histórica é possivelmente a mais importante revolução por que passamos desde o surgimento da época moderna. (...) A consciência que, atualmente, possuímos da história é profundamente diferente da forma como outrora o passado aparecia a um povo ou a uma época. Entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno: ter plena consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de todas as opiniões” (Gadamer, 1998: 17).

a relatividade da nossa própria posição e da dos outros autores e, deste modo, adquirimos consciência “do carácter *particular* de [cada] perspectiva” (Gadamer, 1998: 17). Este conceito, no quadro da investigação e do projecto em arquitetura, remetenos para uma interpretação alternativa em relação à forma como habitualmente são abordadas as questões patrimoniais, ou seja, com a pretensão de que as leituras que se façam, sejam tomadas como verdades definitivas. Sabemos que ao longo da história existem diferentes verdades: o mesmo acontecimento é compreendido atualmente de forma diferente do que foi no passado. Esta perspectiva revelanos que, ao inserirse na tradição, o intérprete dialoga com a história, “criando e produzindo novos elementos que reinterpretarão, recriarão e desenvolverão uma atmosfera passada, mas que não será a mera repetição dela mesma” (ComesañaSantalices, 2004: 58). O contributo do conceito de consciência histórica pretende reforçar, no nosso campo de atuação, o valor da distância histórica na interpretação dos lugares, através da compreensão de como o intérprete atual pode colocar um lugar préexistente para além do horizonte limitado da sua situação de origem, fazendo coincidir o lugar distante (de origem) com o lugar atual.

### **Metodologia**

Tendo por base o enquadramento teórico anteriormente apresentado e na sequência das últimas recomendações internacionais, o crescimento económico e a coesão social são efeitos relacionados com o papel do património cultural, na atualidade. Como verificamos, a pessoa e os valores humanos estão colocados no centro de um conceito alargado e interdisciplinar de património cultural. Por outro lado, o nosso olhar sobre o passado não pode desligar-se do presente tendo em vista o momento em que nos encontramos.

Deste modo, a metodologia utilizada na prática de projeto nesta experiência de ensino, pretende confrontar os estudantes a partir de duas linhas de atuação; por um lado, projetar com o construído — as propostas não se pretendem aut centradas, mas dialogando com as circunstâncias físicas, geográficas (territoriais) e sociais, e por outro, de acordo com o momento histórico em que nos encontramos — o presente, tendo em conta a cultura e os seus intervenientes, tanto os projetistas, como os usufruidores. O ponto de partida em termos metodológicos, formulado pelas duas equipas (do ISCTE e da TUD) foi, como já referimos, desenvolver outras práticas na academia de modo a adaptar as práticas pedagógicas às novas circunstâncias que a profissão de arquiteto atravessa. Assim, três premissas constituíram potenciais fatores de mobilização e de atuação para o resultado do que se pretendia: 1. o desenvolvimento do trabalho no lugar numa relação de proximidade com a população local e com o sítio. 2. a intensidade de trabalho num curto espaço de tempo, com alguma energia resultante de alguma pressão. 3. a possibilidade de criar equipas interdisciplinares e internacionais com professores, alunos das duas Universidades e agentes locais<sup>9</sup>.

Assim, em termos metodológicos procuramos que os estudantes se instalassem no terreno em contato direto com o sítio, com a população e com os agentes locais e, desse modo, abandonassem a sua habitual zona de conforto (produção de um projeto de arquitetura em sala de aula desligados da realidade social, económica e cultural).

9 Colaboraram como tutores neste Summer School vários Professores, estudantes e agentes locais: Professores da TUD: Anett Joppien (coord.); Sascha Luippold (Prof.); Matthias Schoenau; Wolfgang Hinkfoth; Albert Dietz. Professores do ISCTE-IUL: Teresa Madeira da Silva (Prof. coord.); Rosália Guerreiro (Prof.) Pedro Pinto (Prof.); Estudantes de Doutoramento e Mestrado e investigadores do DINÂMIA'CET-IUL: Marianna Monte (PhD stud.), Ana Ferreira (M. stud.) Arquitectos da Câmara Municipal de Lisboa: Rogério Gonçalves (Arq. Unidade de Coord. Territorial); Rosário Salema (Arq. Direção Municipal do Ambiente Urbano) Arquitectas do Fundo de Arquitetura Social: Raquel Melo Martins; Patrícia Chorão Ramalho (Arqs.) Assessor da Junta de freguesia de Santa Maria Maior: José de Melo Carvalheira (Arq.).





Fig. 2 — Antiga casa do Governador, Bairro do castelo, Lisboa. Desenvolvimento dos trabalhos no Summer School. (Fotografia: Monte, M., Setembro de 2014).

No trabalho desenvolvido pelos estudantes percebemos que as condicionantes atuais, tanto físicas, como sociais e económicas, se mostraram essenciais na forma como se intervém no património existente. Deste modo, desde a escolha dos programas, que tiveram em conta as necessidades sentidas e o enquadramento das valências existentes na área de intervenção e áreas circundantes, até à problemática decorrente do enorme fluxo de turistas numa zona onde ainda existe uma parte residual da população residente em condições precárias, a realidade presente é fundamental para equacionar todo o projeto. Em termos práticos estes objetivos concretizam-se, a partir de duas linhas de actuação: a primeira, através da identificação dos elementos fundamentais do território, interpretando e representando o objeto de estudo, atendendo às especificidades do território como a morfologia, a tipologia e a implantação do edificado pré existente; a segunda, a partir do diálogo com os agentes locais e população residente de modo a complementar a entendimento da forma de organização da vida no bairro.

Tendo como pretexto *Ocupações Temporárias em Espaços Devolutos*, pretendeu-se que a aprendizagem da arquitetura fosse feita através da reflexão crítica, exploração e experimentação. Através de propostas concretas para espaços devolutos ou abandonados, o *Summer School* teve por objetivo a apropriação temporária de locais e territórios identificados como estando devolutos e abandonados. Segundo o enunciado proposto,

“Sob o tema projetar em tempo de escassez, pretende-se que os alunos, de forma colaborativa, com os habitantes da cidade, valorizem um conjunto de espaços da cidade abandonados. Pretende-se por um lado que os habitantes da cidade valorizem os sítios onde moram e por outro oferecer novas possibilidades de usos a esses mesmos espaços.” (Madeira da Silva, 2014).

Pretendeu-se que os estudantes desenvolvessem estratégias de reconversão urbanística que tivessem presente não apenas fatores de ordem morfológica, mas também aspetos de carácter histórico, social e económico, e que aprofundassem e sustentassem as ações de projeto numa interpretação abrangente e crítica da realidade. Procurámos ir mais além, nos exercícios propostos, em relação ao horizonte de actuação habitual na academia. Pretendeu-se, deste modo, que os estudantes não olhassem para o património arquitetónico a partir da sala de aula como objetos isolados, que necessitam somente de restauração ou reabilitação, mas pudessem definir e desenhar as valências programáticas a propor, organizadas de acordo com a proximidade aos habitantes, aos agentes locais e à sociedade civil.

No decorrer do curso de Verão optou-se por várias estratégias de integração e articulação com outras áreas disciplinares e com os agentes no terreno cuja estreita relação se considera cada vez mais interessante e importante para o exercício disciplinar da arquitetura. Considerando que, o ensino da arquitetura, hoje, ultrapassa a realização do projeto para um edifício, a partir de um programa pré estabelecido, de um lugar pré determinado e de uma panóplia de materiais disponíveis no mercado, a realização deste exercício pressupõe uma prática abrangente e integradora. As questões respeitantes ao património ambiental, enfatizando as questões relativas às diferentes opções de projeto: restaurar, preservar, demolir, reconstruir, construir, nos centros históricos, foram questões a considerar no processo de projeto e nas metodologias a desenvolver. Tendo em conta os pressupostos da hermenêutica contemporânea considerámos que as diferentes intervenções num determinado lugar são sempre uma construção contemporânea baseada na dialética entre passado e presente, e orientada pelo interesse de quem a produz <sup>10</sup>.

Não se pretende com isto pensar que os exercícios, a realizar em meio académico simulem a realidade da prática da arquitetura, essa seria uma tarefa impossível porque a academia, hoje, conta com imposições e modelos aos quais somos obrigados a responder pouco compatíveis com as exigências de um “tempo longo” que a realização de um projeto de arquitetura requer. Apesar disso, o que se pretende é, sobretudo, levantar questões dentro da área disciplinar da arquitetura através da prática do projeto acompanhada pelo olhar crítico de outras áreas disciplinares, e de outros agentes que lidam com questões muito pragmáticas decorrentes da prática fora da Academia (académicos de outras áreas, arquitetos, sociedade civil e residentes), para que a arquitetura e o ensino não se fechem sobre si mesmos.

### 3. RESULTADOS

De acordo com o que acabamos de apresentar e tendo como pano de fundo o cruzamento da prática do projeto com o enfoque oferecido pela leitura das cartas e convenções sobre património e o olhar da hermenêutica de

<sup>10</sup> Como refere Távora, “...porque o espaço é um contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está em permanente devir.” (Távora, p. 19).

Gadamer, ao intervir no património as respostas são propostas atuais a partir da herança que nos é transmitida pela tradição. Como referimos, a leitura de qualquer lugar parte de um elemento histórico e culturalmente distante, que é o lugar de origem, ao qual se somam diferentes olhares sobre esse lugar, também eles histórica e culturalmente localizados, resultando, por um lado, na fusão e, por outro, no alargamento dos horizontes de compreensão sobre esse mesmo lugar. Nos exercícios propostos observamos que os estudantes, identificaram problemas sociais e urbanos que persistem nos centros antigos das cidades e a partir de pequenas mudanças implementaram soluções transformadoras.



Fig. 3 — Proposta para a colina do castelo. Plano geral. Summer School Projetar em Tempo de Escassez, Grupo 5. (Fotografia: Madeira da Silva, T., Setembro 2014).

Se observarmos as intervenções propostas, podemos perceber que o entendimento que os estudantes fazem dos edifícios e dos lugares pré-existentes e conseqüentemente as intervenções que propõem os situam no presente. Ao propor recuperar edifícios, a intenção não é reconstruir o contexto de origem, porque isso seria uma impossibilidade, também não é destruir o seu carácter. A salvaguarda da população residente e as mais-valias que o turismo conduz aos centros históricos forma algumas das questões levantadas. Assim: a questão entre a forma física, o património e as necessidades de ordem social; a procura de lugares significativos para a população no presente; a redefinição de áreas históricas, onde a recuperação dos edifícios é entendida não

como um simples problema de cenografia, de restauro ou de reabilitação (em sentido restrito) mas aliada às necessidades da população ou associada a programas de promoção de novos usos, foram as problemáticas levantadas no decorrer do curso.



Fig. 4 — Proposta para a colina do castelo. Maqueta. Ruínas junto a o Pátio Dom Fradique. Maqueta. Summer School: Projetar em Tempo de Escassez, — Grupo 4. (Fotografia: Madeira da Silva, T., Setembro 2014).

Os resultados obtidos, para além de revelarem interesse por se constituírem estratégias de inovação social, igualmente revelam uma arquitetura contextual onde, sem utilizar o recurso à cópia superficial, nem a analogia direta, se procurou estabelecer uma relação com o contexto mediante a construção de ligações simbólicas com a envolvente e com critérios decorrentes das características do lugar (topografia, vistas, orientação solar, ou a escala do lugar). Neste sentido, encontramos propostas que não passam directamente pela construção de edifícios mas pela busca de soluções cujo propósito tem somente um carácter organizacional e outras associadas a intervenções em edifícios, onde construir, restaurar, recuperar revelam a marca do nosso tempo.



Fig. 5 — Proposta para a colina do castelo. Plano geral. Summer School Projetar em Tempo de Escassez, Grupo 3. (Fotografia: Madeira da Silva, T., Setembro 2014).

Neste sentido, o curso proporcionou uma reflexão conjunta acerca de questões actuais relacionadas com os centros antigos das cidades, nomeadamente o bairro do Castelo. Áreas antigas desgastadas, mas muito desejadas onde coexiste um excessivo fluxo de turistas, associadas a uma rede de difíceis acessibilidades e a uma população envelhecida que corre o risco de se tornar residual, foram algumas das questões levantadas ao longo do curso. No momento em que as circunstâncias em que se desenvolve a prática profissional em arquitetura, (afastando-se cada vez mais do ciclo tradicional desenvolvido em atelier: da encomenda do projecto à construção do edifício), este *Summer School* veio trazer a possibilidade de desenvolver uma experiência singular na Academia, de modo a adequar as práticas pedagógicas a estas novas circunstâncias.

A experiência realizada no Castelo foi o lugar privilegiado para integrar o pensamento com a experiência, gratificante para um estudante de arquitetura, que é projetar habitando o lugar e dialogando com as pessoas. A vivência perto de uma comunidade com as suas histórias e cultura permitiu ver como o mundo pode ser plural e as vivências múltiplas e diferenciadas. Perceber no local, o ritmo e o modo de vida da população local e dos visitantes (turistas) a diferentes horas do dia permitiu, aos estudantes, compreender melhor as necessidades e as potencialidades do local. Perceber, no terreno, modos de vida distintos permitiu fazerem aproximações e abordagens inovadores, não a partir de certezas pré estabelecida, mas a partir do questionar e do cruzamento de diferentes mundos.

#### 4. CONCLUSÃO — ARQUITETURA CONTEXTUALIZADA

As intervenções e as soluções apresentadas pelos estudantes, mesmo que resultando na modificação do lugar, possibilitam transferir para o futuro os valores da arquitetura do passado, sem renunciar ao desenvolvimento histórico próprio de qualquer lugar e de qualquer período. Verificámos que, com intervenções mínimas, por vezes decorrentes de questões organizativas e de funcionamento, se pode acrescentar um novo significado aos lugares e ao mesmo tempo preservar a memória de atividades e dos edifícios que tiveram presença marcante na vida desses lugares. Assim, certificamo-nos que os estudantes propuseram soluções que se identificavam com a realidade local mas que, ao mesmo tempo, se abriam ao exterior.

Sendo a aprendizagem do projeto um processo cumulativo, o objetivo desta experiência de ensino é abrir a formação do conhecimento em arquitetura, à sensibilidade percetiva e à ideia de cidade e de arquitetura como uma teia complexa de práticas. Através destes exercícios, a ideia de arquitetura salta, do domínio predominantemente formal, para se enquadrar na compreensão das diferentes componentes de vida dos lugares. Não se pretende com isto afastar o ensino da arquitetura dos processos de produção relacionados com o espaço construído e com as questões estéticas, mas abrir o projeto à complexidade do sistema de relações implícitos no campo onde se movimenta a arquitetura colocando em cima da mesa ingredientes pouco habituais no ensino académico. Podemos dizer que as abordagens que fazemos ao património surgem da contingência do tempo, do lugar, dos fins a que se propõe e de um conjunto de requisitos construtivos, (que não são um fim, mas um meio) e que se combinam através das escolhas dos seus autores. Pretende-se com isto desencadear processos de descoberta e de invenção mais do que chegar a produtos concluídos e aparentemente bem acabados. Pretende-se que o trabalho desenvolvido ultrapasse a investigação associada ao espaço e às 3 dimensões restrito às questões formais da arquitetura para se transformar num processo de construção de conhecimentos em diferentes patamares do conhecimento, ou seja, em experiências mais do que em certezas e onde se consciencializa as razões das opções tomadas e das escolhas de cada um.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (1999). Carta de Veneza 1964, Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº 15, p. 105-110. Disponível em <http://www.fmnf.pt/Upload/Cms/Archive/CartadeVeneza1964.pdf> Acesso em: 25/05/2014.

AA.VV. (2014). “Colóquio Internacional DARQ — Colégio das Artes/Coimbra/14, 15, 16 novembro 2014” Acessível em: <http://www.ces.uc.pt/eventos/saal/>. Acesso em 7 de Outubro de 2014.

ARAVENA, Alejandro (2010). Entrevista da 2ª por Mário Cesar Carvalho. É preciso levar o *DNA da classe média para a favela*. São Paulo, 19 de julho de 2010. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1907201021.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1907201021.htm). Acesso: 12/07/2011.

BIENAL DE VENEZA 2012: Formações: Novas Práticas na Arquitetura Australiana/Pavilhão da Austrália. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-76578/bienal-de-veneza-2012-formacoes-novas-praticas-na-arquitetura-australiana-pavilhao-da-australia>. Acesso em Setembro 2014.

CANTO MONIZ, Gonçalo (2011). O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69). Coimbra: Faculdade de Ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18438/1/GCM-V1-20120301.pdf>. Acesso: 18/07/2014.

COMESAÑASANTALICES, Gloria M. 2004. Nuevas Tendencias y Métodos en la Investigación Filosófica. *Información Filosófica*, vol. I, 1, pp. 4670.

- FOLGADO, D. 1998a [1996]. Património inclusivo. Das expectativas aos desafios. In CUSTÓDIO J. (coord. cient.). *In: 100 anos de património Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. Lisboa: 2010, pp. 323-335.
- GADAMER, HansGeorge. (1998). *O Problema da Consciência Histórica*, Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas. 89 p.
- GADAMER, HansGeorge, 2004 [1960]. *Verdade e Método I: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*, Petrópolis: Editora Vozes. 631 p.
- IGESPAR. (s.d.). Cartas e Convenções Internacionais sobre Património. Disponível em: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacaosobrepatrimonio/> Acesso em: 25/05/2014.
- IGESPAR. 2008. Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade. *Diário da República, 1.ª série, n.º 177*, 12 de Set. p. 6640-6652. Disponível em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf> Acesso em: 25/05/2014.
- IGESPAR. 1976. Recomendação Sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea, UNESCO, Nairobi, 26 de Nov. Disponível em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/salvaguardaconjuntoshistoricos1976.pdf>. Acesso em: 25/05/2014.
- LOPES, F. (1996). *Cartas e Convenções Internacionais. Património Arquitectónico e Arqueológico*. Lisboa: IPPAR. 111 p.
- MADEIRA DA SILVA, Teresa (coord.), (2014). *FUC, Ficha de Unidade Curricular, Seminário de especialização. Projetar em Tempo de escassez — Usos Temporários em espaços devolutos*. ISCTE-IUL: Mestrado Integrado em Arquitetura, 2014/2015. Disponível em: <https://fenix.iscte.pt>. Acesso: 29/11/2014.
- PALMER, Richard E., 1999 [1969]. *Hermenêutica*, Lisboa: Edições 70. 284 p.
- RICOEUR, Paul, 1991 [1986]. *Do Texto à Ação: Ensaios de Hermenêutica II*, Porto: Rés Editora. 407 p.
- SOLÀMORALES, Ignasi, 1998 [1995]. *Diferencias: Topografia de la Arquitectura Contemporânea*, Barcelona: Gustavo Gili. 168 p.
- TÁVORA, Fernando, 1996 [1962]. *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP Publicações. 75 p.
- TURISMO DE PORTUGAL. (s.d.). Carta Internacional sobre Turismo Cultural, Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinoacao/Documents/Doc10CartaInternacionalTurismoCultural.pdf> Acesso: 25/05/2014.

#### TERESA MADEIRA DA SILVA

Arquiteta, Doutorada em Arquitetura e Urbanismo pelo ISCTE-IUL. Professora Auxiliar no Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL, investigadora no DINÂMIA'CET-IUL — Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, e no CESNOVA — Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. É Membro do Conselho Científico do DINÂMIA-CET, membro da Comissão Pedagógica da ISTA (Escola de Tecnologias e Arquitetura) e da Comissão Científica do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU). Tem vários artigos em revistas científicas com revisão por pares, capítulos de livros, trabalhos em atas de eventos e participou em diversos encontros científicos.